

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porto  
Anno ou 24 numeros ..... 25000 | Trimestre ou 6 numeros .... 8650  
Semestre ou 12 numeros .... 16500 | N.º avulso ou pago á entrega 3120  
ESTRANGEIRO  
Anno ou 24 numeros ..... 35000 | Semestre ou 12 numeros .... 16500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 10

15 DE MAIO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES (Segundo uma photographia)

## SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — José Estevão Coelho de Magalhães, por FREITAS E OLIVEIRA — As nossas gravuras — A princesa D. Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, por FRANCISCO BESEVIDES — A escola, por CARLOS DE FIGUEIREDO — A exposição universal de Paris — Gabriel, por CRISTOVAM AYRES.

GRAVURAS. — José Estevão Coelho de Magalhães — Insugração da estatua de José Estevão no largo de S. Bento — A princesa D. Maria Francisca Benedicta — A viagem á lua, opereta phantastica — Custódia do real asylo dos invalidos em Runa — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Nove decimos dos mais sensatos folhetins, e das mais dignas chronicas que annualmente se escrevem no nosso paiz, baseiam-se simplesmente sobre este velho thema nacional — a falta d'assumpto; d'onde eu chego a concluir que, se os assumptos não escasseassem haveria em Portugal muito menos gente que escrevesse!

Ainda hoje eu teria mais uma vez de bordar a minha chronica sobre este motivo estafado, se a providencia e Marrocos me não soccorressem generosamente n'este trance com uma embaixada. Assim, é sobre s. ex.<sup>a</sup> o haçá Sid Taleh Benhima que me proponho a percorrer o caminho que medeia entre a primeira linha e o final d'esta chronica, certo de que tão digno haçá será benevolo até ao ponto de conservar uma justa distancia entre o gume da sua valente cimitarra e o meu pescoço miserando e sensível — fazendo ao mesmo tempo todo o possivel para me não atirar ao chão.

Mas a cidade, no fim de contas, tem tanto motivo para se regosijar como eu. Que novidade, que facto imprevisto, que inesperada sensação experimentaria ella nos ultimos quinze dias decorridos, se Sua Magestade Xerafiana se não dignasse mandar a Portugal os mais garbosos dos seus embaixadores, e os mais civilizados dos seus cavallos?

Marrocos, diga-se a verdade, quando pela bocca do illustre Benhima diz a El-Rei, na sua allocução, que Sua Magestade « resume em si a soberania nacional, » ou mostra que tem um profundo desprezo pela Carta, ou então que está fillado no partido progressista; todavia por outro lado, satisfaz o nosso justo orgulho de portuguezes, quando affirma que todo o desejo do Imperador Xerafiano é estreitar a sua alliança com a *nossa poderosa nação!*

Oh! sim, excelso Imperador, a ambição dos portuguezes tambem não é outra! escusaeis até, poderoso senhor, de pretender captivar o nosso animo já vencido, quer com cavallos quer com chinelas bordadas, porque o coração portuguez, verdadeiramente, já ha muito tempo que está com Marrocos! Sim, Xerafiano amigo, é para a Barbaria que nos arrastam os impulsos do nosso animo, portanto vós que possuis um thesouro satisfatoriamente arruinado, poupaes-vos a excessos de generosidade, não nos obrigando tambem por outro lado a despendere vinte e tantas libras por dia, com o agasalho dos vossos mouros no hotel!

Todas as provas de carinho, vos agradecemos, caro Xerafiano, aproveitando a occasião para vos observar que as chinelas bordadas a ouro enviadas a Sua Magestade a Rainha, são talvez demasiadamente grandes. Attendei, ó bom Xerafiano, que uma senhora europea elegante e flexivel, costuma ordinariamente ter o pé um pouco mais pequeno que os vossos embaixadores, e que pés tão grandes como os do haçá Sid Taleh Benhima, só ha em Portugal os pés de vento — ou os d'alguns conselheiros.

Depois d'esta exortação que eu tomei a liberdade de fazer a Marrocos, firme na persuasão de que Marrocos não me comprehende, só me resta considerar um momento na admiração que deve ter causado no espirito marroquino o feitiço d'algumas instituições nacionaes, desde as segas d'enterro até á guarda real dos archeiros!

E todavia parece que foram exactamente os archeiros quem achou mais excentrica a embaixada, custando-lhe immenso a conter as alabardas e o riso nos justos limites em que uma instituição de tal ordem as deve conservar!

Não tem razão para rir a guarda real, ou antes a guarda... roupa dos archeiros. Inegavelmente, quando se trata de cousas comicas a embaixada marroquina nem na *Viagem á lua*, na Trindade, podia vêr cousa melhor no seu genero.

Como phantasia de Carlos Cohen os archeiros portuguezes são artefactos que honram sobremaneira a thesoura nacional.

Em fim, os marroquinos vão partir depois d'haverem pisado pela vez primeira com a sua ampla e interminavel chinelas de mouro, o fresco torrão da madre-silva. Portugal deu-lhe a sua admiração acompanhada dos melhores quartos no mais vistoso hotel, deu-lhe uma parada, deu-lhe alguns encontrões, não vacilando mesmo ante o sacrilegio de lhe dar a cruz de Christo. Recebeu, é verdade, em compensação dez cavallos, mas o que são dez cavallos, quando amanhã se trate de os dividir por todos nós?

Pelo que me diz respeito lavro aqui protesto solemne, como portuguez e contribuinte, de que desisto de qualquer porção de cavallo que por ventura me venha a competir na partilha. Foi desinteressadamente que dei o meu obolo para a embaixada ser recebida com o esplendor devido, e dou-me por quite em o sr. Benhima me não ter degolado ou feito comer os manjares fabricados pelo seu cosinheiro — e addido.

E feitas as contas bem, sou eu que devo alguma cousa a Marrocos.

Ha dias que o poderoso imperio (troquemos a amabilidade), está sendo para mim d'uma generosidade ordinariamente pouco usada entre mouros e christãos.

O imperador do Mogreb enviou uma embaixada ao rei de Portugal e um assumpto aos chronistas portuguezes. Da lembrança de sua magestade me tenho aproveitado o mais que posso, sendo provavel que outros se tenham aproveitado dos seus mouros o mais que tenham podido.

Em todo o caso desde este momento deixo-os em paz, e intactos; sobretudo intactos. Póde o ministerio dos negocios estrangeiros mandal-os pesar, que, pelo que me diz respeito, nada receio da eloquencia da balança.

— Puxando mais pela embaixada marroquina, era possivel alongal-a até preencher completamente a chronica, desisto entretanto d'esse proposito, embora os assumptos d'ordem mais civilisada não abundem em Lisboa n'este momento.

As chronicas, os noticiarios, as correspondencias, todos n'este momento, entoam unisonos o hymno da exposição de Paris! Quando a gente escuta este clangor de victoria, sente-se vexado, e tem vontade de subtrair os seus marroquinos ao olhar luminoso da musa da civilisação!

Entretanto, não é só um sullão que nos envia uma phrase amavel de presente, Mac-Mahon, passando em frente da fachada portugueza que representa o portico dos Jeronymos, detem-se um momento, observando aos commissarios portuguezes: *coquette, coquette!*

Os correspondentes apressam-se immediatamente a enviar a phrase aos jornaes do seu paiz, que saem logo para a rua zabumbeando-a com patriótico enthusiasmo — *coquette, coquette!*

E fez-se essa variante do gothico florido, esse primor architectonico dos Jeronymos, para o sr. marechal Mac-Mahon no anno de 1878 passar por diante d'elle, e dirigir-lhe o galanteio com que naturalmente nos seus tempos de cadete lisongeava as *grisettes* e as *blanchisseuses*. Pois muito bem; já que não é possivel *submitter* a phrase, que immediatamente se *demita* semelhante affronta da fachada do monumento manuelino, empregando-se uma picareta, e, se preciso for, — Gambetta.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES

Eil-o! é elle! são as suas feições! — É exactamente aquella, a formosa cabeça do orador portento, admiravelmente reproduzida pelo lapis de Manuel de Macedo!

Ah! que se eu soubesse e pudesse descrever-vos o que elle foi e o que fez; como fascinava os que o tratavam e como maravilhava os que o ouviam! Se eu pudesse desenhar-vos o caracter moral, as feições do seu espirito e do seu genio, com a mesma perfeição com que o insigne artista desenhou o seu retrato, então bendireis vós, leitores, da lembrança, que teve a beneemerita direcção d'este illustrado periodico, de me honrar tão distintamente, incumbindo-me de escrever o artigo que deve acompanhar a excellente gravura, que hoje aqui se dá á estampa!

Infelizmente porém o panegyrista não corresponde ao desenhador, e bem longe está de honrar devidamente o assumpto.

Todavia, inspirando-me do amor que consagrei ao grande tribuno, do respeito que tributo á sua honrada memoria e das sandosas recordações que d'elle tenho, sempre vivas, no coração, farei quanto eu possa para mostrar á illustre direcção do OCCIDENTE a boa vontade com que me desempenho da difficil missão de que se dignou encarregar-me.

Dizer-vos que José Estevão Coelho de Magalhães nasceu na cidade d'Aveiro, no dia 26 de dezembro de 1809 e que, ainda preso aos peitos da ama, teve de deixar a terra natal para fugir aos perigos da invasão franceza; — contar-vos que os primeiros annos da sua infancia foram dirigidos por sua avó materna, D. Anna Joaquina Ribeiro da Costa, mulher de superior engenho e de caracter varonil como o de Cornelia; — relatar-vos como a sua educação, até entrar na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, foi feita quasi exclusivamente por seu pae, Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, medico distincto, coração de ouro e alma d'anjo; — historiar-vos todas as peripicias da sua vida de soldado, desde que, depois da acção da Cruz dos Moroicos, partiu para o Porto e d'alli emigrou para a Galliza com os restos do exercito liberal, commandados por Pizarro; — pintar-vos as amarguras que passou no exilio de Plymouth, o enthusiasmo com que desembarcou na ilha Terceira, o valor e a bravura com que se bateu com os soldados do despotismo na Ladeira da Velha, na Flecha dos Mortos, na Serra do Pilar e em todos os combates da liberdade, até Almoester; — mostrar-vos a justiça com que foi agraciado com o grau d'official da Torre e Espada, unica condecoração que possuia. — tudo isso, leitores, foi já dito differentes vezes, em diversos logares, por differentes pessoas, e não é meu intento repetil-o.

Tambem me não occuparei a contar-vos como foi eleito pela primeira vez deputado, em 1837, nem como fez a sua profissão de fé politica, quando pronunciou o seu primeiro discurso na sessão de 3 de abril do mesmo anno na assembléa nacional. Callarei igualmente o motivo porque se alistou no partido *Setembrista*, que foi o partido da honra, da lealdade, da liberdade e do progresso, e não direi a razão porque se rebelou em 1844 contra o governo pessoal, assim como não

exaltarei o modo brilhante como alcançou, em concurso publico, a cadeira de professor de economia politica na Escola Polytechnica, disputando-a a outro candidato de notavel talento e illustração. Não vos informarei sequer de como elle foi perseguido pelo partido chamado da *Ordem* e da Carta, nem vos direi porque tornou a entrar em 1843, nem porque razão se rebellou, mais uma vez, contra aquelle partido, depois do golpe d'estado de 6 d'outubro de 1846, apresentando-se ao serviço da Junta do Porto, seguindo aquelle movimento e representando n'elle importante papel, até á convenção de Gramido.

Todos estes factos estão já minudamente relatados e, quando o não estivessem, eu não poderia agora occupar-me d'elles, porque as considerações politicas a que forçosamente seria levado, tratando de tal assumpto, eram inopportunas e mal cabidas n'este logar e n'esta occasião.

Dizer-vos o que foi José Estevão na camara dos deputados, no grande theatro das suas glorias e dos seus brilhantes triumphos, é, n'este momento, o meu unico desejo, porque se elle, o inspirado orador, vos não for retratado por quem o viu na tribuna, e o ouviiu desprender a maravilhosa voz aos vãos da mais elevada eloquencia: — se aquelles, cujos corações palpitavam de enthusiasmo quando assistiam ás monumentaes orações em que elle, de pé no amphitheatro, em toda a magestade da sua viril presença, — com a formosa cabeça levantada e como que alumada por um resplendor de luz, como os que circumdam as cabeças dos apóstolos, nas telas dos grandes pintores, — soltava a voz, suave e harmoniosa — se descrevia o amor da mãe ou da esposa, os encantos da mulher e as alegrias da criança, — grave e sonora — se exaltava o amor da patria e da liberdade, — estrondosa e terrível — se apostrophava os despotas, verberava a corrupção e amaldiçoava a tyrannia; — se os que o viram e sentiram os maravilhosos effeitos de tão prodigiosa eloquencia, vos não disserem o que foi aquelle genio sublime, não será pelos seus discursos impressos, nem pelos escriptos da politica partidaria, que se publicavam no seu tempo, que a posteridade poderá conhecer as elevadas qualidades de tão extraordinario tribuno.

No tempo de José Estevão havia n'este paiz vida politica, e toda a gente que pensava se interessava mais ou menos na coisa publica. Aos debates parlamentares, em que tomavam parte as primeiras notabilidades dos partidos, assistiam sempre os homens mais qualificados na sciencia, no jornalismo e nas artes, e o povo que enchia as galerias conhecia todos os oradores pelos seus nomes, e sabia qual era a sua fé politica e gostava de assistir áquellas luctas da palavra, em que sempre se debatiam os seus mais caros interesses.

Agora tudo mudou: não ha oradores que fascinem e deslumbram, porque tambem não ha publico que se deixe fascinar e deslumbrar. Os que fallam, embora lhes não faltem os talentos, fallece-lhes a auctoridade e as convicções, como aos que ouvem lhes faltam as crenças.

José Estevão dominava, fascinava e fulminava as assembleas, não somente pelo brilho da sua eloquencia, mas tambem pela auctoridade da sua palavra, pela lealdade do seu coração, pela sinceridade das suas crenças e pela firmeza das suas convicções.

Todos os que o ouviam estavam presos e suspensos dos seus labios, e até os tachygraphos se surprehendiam a si próprios, escutando o grande orador e esquecendo-se das notas; e por isso os poucos discursos que ha publicados, não estão somente despídos do magico effeito da sua voz e da vida e paixão que animavam a sua palavra, mas acham-se muitas vezes alterados na phrase e no pensamento. Elle nunca os revia, e era raro que restituísse as notas para que fossem impressas.

Disse-vos que José Estevão dominava as assembleas, fascinava os que o ouviam e fulminava os adversarios, e tudo isso vos provarei com factos, presenciados por muitos que ainda vivem, mas de que não rezam os *Diarios da Camara*, nem veem mencionados nos boletins parlamentares dos jornaes d'aquelle tempo.

Discutia-se uma questão politica. Um deputado realista, orador distincto, abalizado jurisculto e homem de grande auctoridade pelo seu talento e saber, pronunciou um discurso contra o partido liberal e, sobretudo, contra José Estevão. Este que, em geral, era interruptor, ouviu em profundo silencio e perfeita quietação todo o discurso do deputado realista. Quando lhe coube a palavra, começou a fazer a synopse dos argumentos apresentados por aquelle deputado, e, ou porque relatesse menos exactamente, ou porque alterasse alguma phrase, foi interrompido por aquelle cavalheiro, que se levantou, e dirigindo-se a José Estevão, disse-lhe:

— O illustre deputado dá licença?...

José Estevão, voltando-se repentinamente para o interlocutor, levantando o braço esquerdo e apontando-lhe com o indicador para a cadeira, bradou com voz vibrante:

— Não dou licença para nada, sento-se o café-se.

A assemblea estremeceu como se um raio atravessasse o espaço, e os espectadores das galerias apertaram convulsamente os braços uns dos outros, e uma sensação de frio increpou os nervos de todos os ouvintes, e o sr. Pinto Coelho (porque era a este eminente jurisculto a quem José Estevão se dirigia) sentou-se silenciosamente na sua cadeira!

Depois de alguns segundos, durante os quaes o immortal tribuno se conservou voltado na mesma posição para o seu adversario, accrescentou em voz pausada e no meio do profundo silencio de toda a assemblea: «Sento-se e calle-se em nome do partido liberal que eu aqui represento. O illustre deputado é que não pode ser o representante do partido realista, d'esse heroico partido, que eu conheci no combate, e que depois de vencido, quando se viu agredido na pessoa de um seu correligionario, me escolheu a mim, entre todos os seus adversarios, para defender a liberdade da palavra e do pensamento escripto.»

Continuou depois referindo-se ao facto de haver sido elle o escolhido pelo partido realista, para defender nos tribunaes um jornal d'aquelle partido, que fôra denunciado por abuso de liberdade d'imprensa; e pugnando com a mais elevada e brilhante eloquencia pelos sagrados principios liberaes, exaltou a tolerancia politica, terminando o seu discurso no meio dos mais entusiasticos applausos de toda a camara, sendo o sr. Pinto Coelho o primeiro deputado que correu a abraçá-lo.

Mas elle não só dominava; fascinava tambem.

Discutia-se a questão *Charles et George*. José Estevão estava pronunciando aquelle famoso discurso, dos poucos que ha mais correctamente impressos, e que tão brilhantemente foi commentado e elogiado pelo grandissimo talento de Rebello da Silva, tambem tão cedo roubado á patria e á admiração dos seus contemporaneos!

A assemblea estava commovida pelos mais bellos sentimentos que podem fazer pulsar o coração do homem, e interrompia frequentemente o orador com applausos e bravos. De frente d'elle, encostado ao fogão, estava o sr. Alves Martins, hoje illustre prelado da Sé de Vizeu.

José Estevão e o sr. Alves Martins, não se fallavam. Homens de paixões fortes e de caracter rijo, não sabiam mascarar, na ardencia do combate, a offensa com o innocente epitheto de *allusão politica*, e por isso romperam entre si as suas relações particulares, e não se poupavam sempre que se encontravam nas luctas da imprensa e do parlamento.

N'estas disposições se achavam pois, quando José Estevão estava pronunciando o memoravel discurso sobre a questão *Charles et George*.

O sr. Alves Martins, que nunca peccou por enternecimentos e branduras, estava, como vos disse, de frente de José Estevão durante todo o tempo que durou o discurso. As lagrimas corriam-lhe pelas faces, os labios tremiam-lhe convulsamente, os olhos não se despregavam do inspirado tribuno, e quando este terminou, no meio da ovação mais imponente, que se tem visto no parlamento, o sr. Alves Martins correu primeiro do que ninguém, e levantou José Estevão no ar, apertando-o em seus robustos braços.

No dia seguinte o sr. Alves Martins e José Estevão continuavam a ficar mal um com o outro, e nunca mais se fallaram.

Não era mais extraordinario o immortal orador quando dominava as assembleas e quando fascinava os ouvintes, do que quando fulminava os adversarios.

Em uma sessão das primeiras côrtes que houve depois do movimento de 1834, era deputado por Odemira um homem que se tornára muito singularmente notavel, na grande lucta que houve entre o partido *setembrista* e *cartista*. Dotado de largas faculdades intellectuaes, de caracter violento, e de uma voz portentosa, alcançara aquelle deputado grande reputação de orador. Esse homem esteve por bastante tempo apartado do parlamento, por lhe ser adversa a opinião dos collegios eleitoraes; mas nas primeiras côrtes da *regeneração* ponde fazer-se eleger por Odemira.

No primeiro dia que subiu á tribuna começou, exclamando:

— «*Me adsum!* Eis-me aqui depois de um longo ostracismo para «justificar os meus actos e confundir os meus adversarios.» — E sobre este thema fez um longo discurso, que, se não commoveu a assemblea, fez estremecer as abobadas do edificio de S. Bento com as vibrações da sua potente voz.

José Estevão, que havia pedido a palavra logo no principio do discurso do deputado por Odemira, assim que este acabou, levanta-se, e abrindo a oração com as mesmas palavras *Me adsum* do seu adversario, começa, em estylo picaresco a fazer a critica do discurso d'elle. Mas, de repente, transforma-se-lhe a physionomia, e voltando-se para o deputado que acabava de fallar, exclama:

— «*Me adsum!* Ah! estaes! — Para que? Porque? Mirando onde? — Olhando para traz? — Não! que para traz está o teu passado que te condemna. — Olhando para os ludos? — Tambem não, que para os ludos está a humanidade que te detesta. — Olhando para cima? — Oh! não, mil vezes não, que em cima está Deus, que te amaldiçoa. — Então olhando para onde? — Para a frente, na attitude do arre-messo, como a fera que espera a presa para a estrangular!»

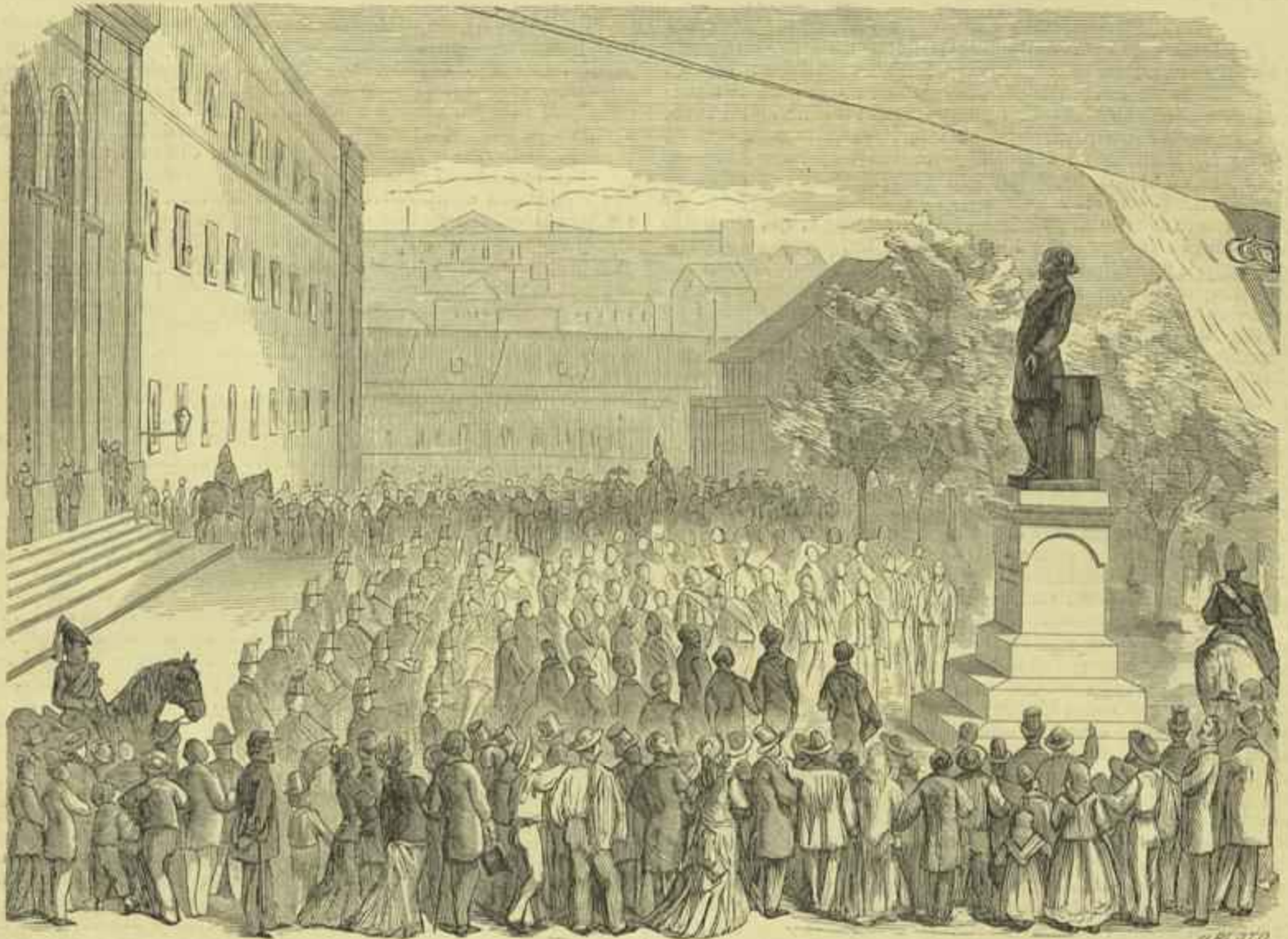
Pronunciando estas palavras, as feições de José Estevão descompozera-se, os olhos fuscavam de colera, e salvando de um salto tres degraus do amphitheatro, como Salvini no *Othello*, ou como um grande actor nas mais violentas scenas da tragedia, arrancou ao auditorio uma estrepitosa ovação e deixou fulminado o seu adversario.

O deputado por Odemira nunca mais tornou a fallar na camara dos deputados.

Não eram só porém os extraordinarios dotes da sua intelligencia que se admiravam no grande orador; os generosos sentimentos do seu leal coração, correspondiam aos dotes sublimes da sua alma.

Discutia-se não me lembro que questão da das que costumam preceder a *ordem do dia*, e varios oradores tinham exhibido muitos livros e citado muitos auctores para corroborarem as suas respectivas opiniões. — José Estevão toma a palavra, e, com aquella graça e desfastio com que entretinha todas as palestras, começa por dizer aos seus collegas, que lhe não parecia necessario deitar a prateleira abaixo e revolver os *bacarmates*...

Assim que José Estevão pronunciou esta phrase, um deputado pede com furia a palavra, e logo que elle terminou as suas breves considerações, o deputado levanta-se espumante de raiva, e diz, durante vinte minutos, a José Estevão as injurias mais graves e as offensas mais desbargadas, que até então se tinham ouvido em uma assemblea publica. Tudo isto porque tomára como *allusão offensiva* para a memoria de seu pae, a palavra *bacarmate*, que José Estevão havia pronunciado.



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A JOSÉ ESTEVÃO, NO LARGO DE S. BENTO EM LISBOA, NO DIA 4 DO CORRENTE

(Esboço feito na ocasião pelo sr. Antonio Rodrigues da Silva)

José Estevão, ás primeiras injurias d'aquelle deputado, pede com vehemencia a palavra, mas quando o presidente lh'a concedeu, desistiu d'ella, o que assombrou todos os espectadores, e ouviu-se uma voz perguntar a José Estevão: — Então vossê não responde?

— Eu, sim, exclamou o illustre tribuno. Aquillo é um santo homem que está desnortado, não sei pelo que; mas o de que eu me não posso jámais esquecer é de que elle, quando eu estive á morte com o typho, foi a minha casa buscar o Matheus e declarou que o perflhava.

Matheus era um filho de José Estevão, que elle estremeceia, desditoso mancebo, que pouco depois da morte de seu pae, deixou este paiz e foi para o Brazil procurar fortuna, e cujo destino é hoje ignorado pelos seus parentes e amigos.

Muitos e muitos são os casos que eu presencié, e que podia relatar-vos, para vos dar idéa das grandissimas facultades do afamado orador, as quaes, infelizmente, se não podem bem revelar nos seus poucos discursos, que existem incorrectamente impressos; mas não desejo abusar da vossa paciencia, nem do espaço que póde dispensar-me n'esta folha a sua illustrada redacção.

Hoje, de José Estevão,



A PRINCEZA D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA

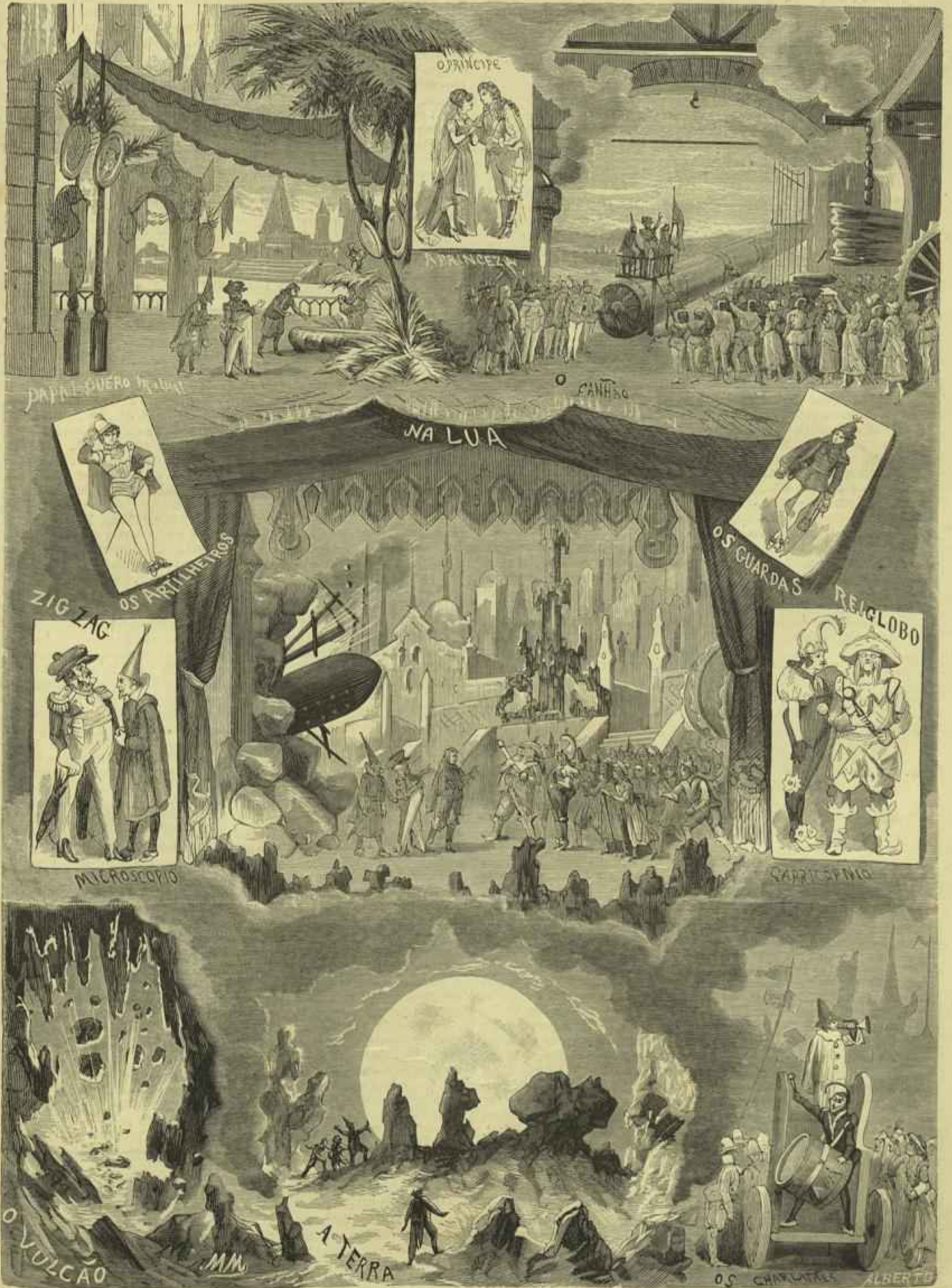
(Segundo um retrato da epoca)

resta a saudade nos corações de todos que o conheceram e que o amaram. Dos seus feitos, da influencia, que pelo seu talento e pela auctoridade da sua palavra teve na vida politica do paiz, existe uma apagada lembrança no modesto livro que dediquei á sua memoria, e que foi escripto com as lagrimas ainda quentes do profundo pesar que tive pela sua prematura morte.

O povo, de que elle foi filho dilecto, tem n'esse acanhado monumento, que tão mesquinhamente lhe levantarão, ha poucos dias, no largo das Côrtes, não uma memoria digna do DEUS DA PALAVRA, mas um symbolo, um altar, onde a democracia, nos seus dias de luto, e nos dias de amargura para a patria, póde ir alli retemperar-se no amor da liberdade, na consciencia do dever, na independencia do caracter e na altivez do animo, que estas foram as principaes virtudes civicas que sobrelevavam os talentos e a assombrosa eloquencia do immortal tribuno.

E quando chegar o grande dia, em que o sol da liberdade resplandeça em toda a luz sobre as montanhas da patria; quando desaparecerem de facto todos os privilegios de castas e de raças; — quando o rei fór a lei, — a justiça — a razão e o di-

THEATRO DA TRINDADE DE LISBOA



A VIAGEM À LUA, OPERETA PHANTASTICA — Tradução de Eduardo Garrido — Musica de Offenbach (Desenho de M. de Macedo)

reito — a religião — o dever e a moral; — os nossos filhos, para quem José Estevão e os seus discípulos prepararam a victoria, irão substituir o mesquinho monumento que nós lhe legamos por uma estatua colossal, que mostre fielmente ás novas gerações a magestosa figura do inspirado propheta d'essa santa e grandiosa revolução.

J. A. DE FREITAS OLIVEIRA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE JOSÉ ESTEVÃO

No dia 4 de maio inaugurou-se em frente do edificio das côrtes, em Lisboa, a estatua que o reconhecimento nacional consagrou á memoria de José Estevão Coelho de Magalhães, o mais eloquente e mais inspirado orador que a epoca parlamentar tem porventura produzido em Portugal.

Ao orador e ao homem consagramos artigo especial acompanhando o seu retrato. Do monumento, cuja cerimonia d'inauguração representa a nossa gravura, temos a dizer que é devido ao distincto escultor portuguez Victor Bastos, honrando sobremaneira o artista que o concebeu e que o executou.

A estatua assenta n'um singelo pedestal de cerca de tres metros d'altura. O orador está de pé, n'aquella attitudo nobre e magestosa com que sabia impôr-se aos auditorios. As linhas são elegantes e correctas, e embora haja talvez pouca felicidade na escolha do gesto, ha todavia muita fidelidade nos traços geraes da physionomia.

O acto da inauguração foi em demasia singelo, aproveitando-se o dia do encerramento das côrtes, afim de poupar talvez aos representantes da nação e aos oradores que succederam a José Estevão, o trabalho de se dirigirem expressamente áquella local. Foi o sr. duque d'Avila, presidente da camara alta, quem descerrou o cortinado que encobria a estatua do grande orador, em frente da qual todas as pessoas presentes — alguns pares do reino, deputados e não muitas centenas de curiosos — se descobriram respeitadamente.

Uma banda de musica executou o hymno da Carta, e assim ficou assente no seu pedestal, como já o estava nos fastos parlamentares do paiz, o vulto do cidadão preeminente a quem a musa da nossa eloquencia politica prestou muitas das suas apostrophes mais energicas e muitos dos seus rasgos mais felizes.

O pedestal tem gravada na face que olha para o edificio das côrtes a seguinte inscripção:

A JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES  
A NAÇÃO PORTUGUEZA

Os povos honram-se sempre que sabem prestar uma homenagem merecida como esta.

### A VIAGEM Á LUA

Sobre a hypothese divertida de Julio Verne — um canhão de vinte leguas de comprimento, arremessando á lua tres habitantes da terra, architectou certo libretista uma peça em tres actos, sobre a qual Offenbach escreveu uma musica que não é de certo a melhor inspiração das suas horas felizes.

O principe Jasmim, filho do rei Zig-zag, nutre um amor desmedido pelas viagens, e no fervor d'esta paixão obriga o sabio-mór dos seus reinos, Microscopio, a fabricar o canhão monstro. Chegados á lua, acontecem aos tres cousas extraordinarias, como é de prever. Na lua os ministros da fazenda são despedidos do serviço por metterem nos cofres publicos dinheiro a mais, reincidindo continuamente n'estes delictos. Os medicos estão presos para não matarem gente, ha simplesmente um advogado encarregado d'accusar e de defender os reus ao mesmo tempo, com um nobre desinteresse, e, enfim, o amor é lá um sentimento desconhecido. É o principe Jasmim que se encarrega de ministrar á princeza Diamantina, filha do rei Globo VI, algumas lições instructivas. O rei Zig-zag faz-se depois charlatão de feira para vender ao povo o fructo d'amor que apregoa como possuindo todas as virtudes, sendo a ultima poder ao mesmo tempo marcar as horas e a roupa branca. N'este trance são todos lançados como criminosos no seio d'um vulcão apagado, do qual só conseguem escapar-se graças a uma erupção, acompanhada da protecção da princeza.

Ora estas *charges* offenbachianas não se contam, veem-se. Ninguém pôde contar o que é Ribeiro, o rei Zig-zag, na *Viagem á lua*, nem Leoní, o sabio-mór do referido rei. Simplesmente impagáveis! E podemos desafiar toda a Europa e todos os phantasistas do mundo a que nos apresentem dois actores que excedam estes na graça, na felicidade do improviso, no sal comico, no *truc*; em saberem, finalmente, representar a primor, com a physionomia, com os gestos; desde os hicos dos pés até á ponta dos cabellos, com o olhar e com os proprios carapuços! N'esta parte o theatro portuguez tocou o seu auge, em compensação do atrazo ou da decadencia que em outros pontos manifesta.

Na *Viagem á lua*, em papeis n'um plano inferior, Josepha de Oliveira, uma estrella recentemente adquirida pela Trindade, canta com bonita voz e representa com graciosa figura, não esquecendo Queiroz e Augusto, outros dois mephytophellicos sujeitos, que tantas

vezes nos teem já feito soltar aquellas grandes e salutaes gargalhadas, que são no fim de contas o melhor raio de luz que pôde entrar nas tristezas da vida pela janella que dá para o mundo da alegria!

A nossa gravura da quinta pagina representa varias scenas d'aquella paiz imaginoso e phantastico aonde tres habitantes da terra vão correr aventuras. N'estes casos o que dá o successo é a excentricidade. Na *Viagem á lua* ha muito d'isso, e sobretudo muita invenção e muita gargalhada, acompanhadas, caso vulgar, d'alguns trechos de musica bonita, e, caso raro, de algumas coristas que não deixam de o ser.

Supponha-se, sobretudo isto ainda, muitos fatos elegantes e muitas vistas phantasiosas, e teremos uma longinqua idéa do espectáculo.

Do baleão, em todo o caso, é que elle se vê bem.

### A PRINCEZA

## D. MARIA FRANCISCA BENEDICTA

FILHA DE D. JOSÉ I

(Continuação)

Entre os diversos objectos de arte, que se encontram na caridosa instituição de Maria Benedicta, merece especial menção a bella e graciosa custodia, cujo desenho foi obra da piedosa princeza.

É um primor artistico tal custodia. É bella a composição e excelente a execução. A religião e a arte harmonicamente se enlaçam n'esta graciosa e rica alfaiá. N'ella se veem representados o pão, a agua, e o vinho; as tres especies que entram na composição da hostia e conteúdo do calix. O pão é figurado nas espigas de trigo de ouro, com grãos de bellos topasios. O vinho está symbolisado por cachos de uvas, cujos bagos são magnificas amethystas. A agua está representada por uma grande e limpida agua marinha. Está pois no desenho de D. Maria Benedicta commemorado o mystico pensamento da transubstanciação. A figura junta, que representa esta rica custodia, é cópia de uma bella aguarella de Vermell.

Não correu placida a construcção do grande edificio. Nos primeiros annos seguiram os trabalhos com rapidex e economia; mas tendo fallecido a pessoa encarregada da administração das obras, foram estas dadas de empreitada: as despezas foram então excessivas, e não faltaram esbanjamentos e dilapidações nos dinheiros da princeza.

Um grave acontecimento veio consideravelmente prejudicar o andamento das obras de Runa. Corria o anno 1807. Os francezes, commandados por Junot, tinham invadido Portugal. Napoleão, no tratado de Fontainebleau, havia estipulado que a casa de Bragança tinha cessado de reinar em Portugal. Um indescriptivel panico se apodera então do governo d'este paiz. E' resolvida a fuga do rei e de toda a familia real para o Brazil. No dia 27 de novembro se realisa o embarque nas praças de Belem, no meio da maior consternação do povo.

Era na realidade um quadro bem triste e vergonhoso o que se presenciava em Lisboa. O chefe do estado com toda a sua familia e muitos fidalgos abandonavam, á invasão estrangeira, Portugal desarmado, sem dinheiro e sem força! dando um terrivel exemplo de cobardia e egoismo, contra o qual felizmente o paiz mais tarde reagiu com o maior patriotismo e abnegação.

Foi na nau *Principe do Brazil* que a princeza embarcou, com a infanta D. Marianna sua irmã. A esquadra, por causa do vento que soprava do sudoeste, não pôde sair a barra no dia 27, nem no dia seguinte. Só no dia 29 de novembro de 1807 é que, tendo o vento rondado para o noroeste, pôde fazer-se de vela e seguir para terras de Santa Cruz. No dia 30 entraram os francezes em Lisboa.

A nau *Principe do Brazil*, conduzindo a seu bordo a princeza viuva, fez rumo para o Rio de Janeiro, aonde chegou a 17 de janeiro de 1808. Maria Benedicta, porém, não queria desembarcar sem chegar o principe regente D. João, pelo que se demorou a bordo quasi um mez. A nau *Principe Real*, conduzindo o principe regente, tinha tomado o rumo da Bahia, aonde chegou a 22 de janeiro. Só depois de receber a noticia de ter o principe D. João desembarcado na Bahia, e juntamente a insinuação de ir para terra, é que a princeza largou a nau em que se transportara, e foi residir nos paços do Rio de Janeiro.

Perto de quatorze annos esteve a familia real no Brazil, com grande prejuizo para Portugal. Durante este tempo os rendimentos de Maria Benedicta, como os de toda a familia real, n'estes reinos, diminuiram consideravelmente, já por causa das guerras com os francezes que assolaram este paiz de 1807 a 1814, já pela má administração de bens pertencentes a pessoas residentes a tão grande distancia e ausentes tantos annos. Além d'isso os desperdicios e gastos excessivos nas obras do asylo de Runa, obrigaram a princeza a fazer parar os trabalhos até satisfazer todas as dividas que, segundo as contas que lhe apresentaram, pesavam sobre ella.

Apesar dos desejos que tinham os portuguezes de tornarem a vêr os seus reis em Portugal, D. João VI continuava a conservar-se no Rio de Janeiro, addiando sempre a sua partida. Em vista, porém, da chegada da noticia da revolução que se havia iniciado no Porto a 24 de agosto de 1820, o monarcha resolveu effectuar o seu regresso, partindo no dia 26 de abril de 1821 para Lisboa. A princeza embarcou na fragata *Carolina*, e toda a esquadra, conduzindo a seu bordo os desejados monarchas e sua familia, entrou a barra, no meio de salvas e festas, no dia 3 de julho do mesmo anno.

F. BENEVIDES.

(Continuar.)

## A ESCOLA

## II

Levado por um singularíssimo bom senso, e alumiado pela observação, nunca desmentida, de numerosos exemplos, o auctor da CARTILHA MATERNAL poz de parte quantos processos a rotina havia consagrado para a aprendizagem da leitura e criou um processo innegavelmente novo e de intuitivas vantagens sobre os até hoje conhecidos. A proscripção completa do velho syllabario; e a noção methodicamente gradual do valor das letras, não pela ordem por que sempre as dictaram os pedagogos, mas pela ordem natural, e, deixe-se dizer, scientifica, inspirada e aconselhada pelo exame da percepção limitada e lenta, mas sempre progressiva e sempre logica, dos cerebros juvenis, constituem as bases da reforma operada pelo methodo da CARTILHA MATERNAL.

Esta reforma, pelo simples factu de ser uma reforma, fará estremer a peanha das velhas tradições, endensadas pelo fanatismo de seita e pelos thuriferarios da rotina.

É uma palavra absolutamente inseparavel, e ainda mal, dos nossos habitos, das nossas crenças, do nosso viver, de todas as manifestações da nossa escassa actividade, esta palavra — *rotina*. É genuinamente portuguez, no sentido mais amplo d'esta expressão. Ai de quem levantar contra ella mãos iconoclastas! É o mesmo que commetter o crime do lendario Oza, é o mesmo que attentar contra o libero nacional, é peor que destruir a estatua de Vendoma, vale mais ser o leproso de Aosta. Apontam-n'o a dedo os idolatras da tradição; fazem-lhe cerco á similitude dos phariseus, que tinham a curiosidade do selvagem e a insolencia do villão; e compensam-lhe o trabalho, a dedicação e o talento com apodos alvares quando o não podem crucificar em homenagem á vulgaridade petulante. É a historia de todos os tempos.

A CARTILHA MATERNAL terá talvez o destino de todos os inventos que no caminho da civilisação levantaram marcos milliarios, que attestam a passagem de um revolucionario e a morte de um preconceito. Quando o philosopho septuagenario de Pisa demonstrava mathematicamente a hypothese de Campanella e Jordano Bruno sobre o movimento da terra, a inquisição respondia-lhe com a logica da tortura. Quando André Vésale, desacatando a auctoridade de Galiano, dessecava um cadaver e arrancava ao organismo do homem as verdades da anatomia, Philippe II condemnava-o a morrer de fome nas costas de Zante. Quando Salomão de Gauss, Worcester, Papin, Watt, e Fulton preconizavam a idéa do movimento a vapor, pagavam-lhes o beneficio com uma cella n'uma casa de doidos, com o desterro, com o desprezo, com a miseria. Quando os heroes da industria, Hargreaves, Jacquard, Arkwright, Palissy dilatavam pelas machinas a area da civilisação, os seus confrades acimavam-n'os de perfidos e agulavam contra elles a colera popular. Mas o futuro e a justiça aureolaram sempre o trabalho benemerito, as invenções prestimosas, os obreiros da civilisação. Aquelles que um dia apedrejam a luz na mão do homem que deseja guial-os, são muitas vezes os proprios que, deslumbrados pela verdade, vão outro dia bemdizer, coroar de louros, eternisar no marmore e no bronze os que na vespera insultaram e perseguiram.

É pois verdade o apophtegma de um pensador: — «A iniciação da humanidade nas verdades novas que fundamentam a sua grandeza, é sempre o sacrificio.»

E agora vejo eu que todo este discretoar veiu a proposito de bem pouco. De bem pouco ou de muito, consoante os pontos de vista de cada qual. De muito, se alguém antevisse uma lucta de gigantes, uma guerra social, uma Saint-Barthélemy, uma expedição de Magriços, por causa de um methodo de aprender a ler; de muito pouco, se alguém considerar que seria um spectaculo de feira o estrebuchar e pernejar de um alumno incorrigivel, sob a férula implacavel.

Quaesquer opposições e attritos que a boa fortuna deparar ao novo methodo, hão de ter, ao que parece, uma explicação obvia; e terão porventura a vantagem de chamar por um pouco a attention do nosso indolente publico para o problema proposto e resolvido pela CARTILHA MATERNAL. Entre nós, como deixo dito anteriormente, não se trata, geralmente, de aperfeicoar e discutir os methodos, trata-se de fazer e difundir compendios. Os mais auctorizados *faisseurs* de compendios são, na opinião de muita gente, os que mais edições dos sobreditos contam. Para obter este resultado, cada qual solicita os favores da *Santa cultiva de instrução*, do governo e dos professores. N'este jogo de azar, apontam todos sobre a mesma carta, que é já muito gasta e muito conhecida; consequentemente, os lucros, divididos por todos os pontos, não correspondem em regra á expectativa dos jogadores. D'ahi umas zangas e rivalidades pequeninas, que levam os mais ambiciosos a pedir privilegio de roleta, denunciando os parceiros á policia como extorsores da fazenda alheia. João de Deus ainda se não matriculou em tão prestadia irmandade, mas é provavel que o venham a denunciar como um dos jogadores em quem a fortuna poderá depositar espontaneamente todas as suas complacencias. Mas que não se assuste o esclarecido *methodologista*. O futuro da instrução não ha de estar á mercê de quaesquer *Dracons sans culottes*, que enthronizados em Lillipute, prescrevem leis ao velho e ao novo mundo. A cada ser a natureza marcou as suas inexcediveis dimensões. A rã que pretendia a corpulencia do boi, seguiu fabulou Esopo, não é um devaneio de versista ocioso, é um symbolo, cuja traducção e applicação é um factu constante e vulgar. Opposição séria, discussão séria, racional, desapaixionada, é planta exotica que não se dá bem n'este nosso clima; vegeta á quem ou além, n'uma ou n'outra estufa: contrac-se ao mais simples halito do indigena:

e se cuisse em espreguiçar um braço para fóra do seu viveiro, soffreria as pedradas dos guaitos que lhe ignoram o valor.

Por onde se conclue que, se o acaso despedisse contra a CARTILHA MATERNAL algumas settas horvadas, as folhas fleariam intactas porque a força dos sagittarios difficilmente alcançaria o alvo.

Mas dizem-me á ultima hora que de factu n'estas selvas portuguezas algumas aljovas se teem sobraçado, que se teem retezado alguns arcos, e que se tem ouvido o sibilar de algumas flechas por sobre a tenda do branco, que se atreveu a devassar os sertões. Não recelemos por elle. Um poeta brazileiro diz que em Waterloo as balas inglezas torciam o seu percurso e caiam reverentes aos pés de Napoleão. Ha de succeder o mesmo ás settas alludidas. Que se despejem os careazes, que se redobre de furia, a conquista ha de operar-se, não em nome do conquistador, mas em nome da civilisação que elle representa.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

## A EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

Por nos ter chegado tarde a competente photographia, não podemos ainda hoje dar nas nossas paginas a gravura representando a fachada da secção portugueza na exposição de Paris, e que sendo como é sabido a reprodução do portico dos Jeronymos tem merecido geraes applausos e lisonjeiros louvores.

Guardamos para quando dermos essa estampa a nossa primeira revista sobre a exposição do Campo de Marte e do Trocadero, essa maravilha aonde se affirma a vitalidade assombrosa da França, e porventura da raça latina.

Os leitores entretanto já fazem idéa, pela leitura quotidiana dos jornaes, do que é o immenso bazar da civilisação aberto ha pouco á concorrência do mundo pela iniciativa da França, a começar pelo pavilhão indiano aonde se ostenta a esplendida e bizarra exposição dos objectos trazidos das suas viagens pelo principe de Galles, até á mansão maravilhosa levantada pela paciência chineza nos parques do Trocadero. Depois a Suecia e a Noruega com os seus moveis tão caracteristicos e os seus productos mineaes tão ricos, a Italia com as suas estatuas e os seus cristaes venezianos, o Japão com os seus tecidos e os seus estofos maravilhosos, os Estados Unidos com as suas potentes machinas, a par das delicadas invenções d'Edison o descobridor do *phonographo*. Portugal com os productos das suas colónias e os seus vinhos, a Suissa com a sua relojoaria e as suas mosselinas bordadas, a Hungria com os seus moveis preciosos e as suas tapeçarias, enfim a Persia, Marrocos, Tunís, Sião, o mundo inteiro, com todas as manifestações da actividade humana, desde o canhão monstro para assentar sobre as montanhas até ao *biblot* para collocar sobre as *étageres*.

E entretanto, contraste assombroso! Ao passo que as nações se congregam n'uma festa de paz no campo de Marte, ao mesmo tempo, com um afan extraordinario, fabricam nos seus arsenaes canhões de cem toneladas para se devastarem no campo da morte!

Seja como fôr, a exposição de Paris em 1878 ficará registada nos annaes da civilisação como um dos factos mais assombrosos d'este seculo, especialmente pela significação que tem como manifestação da solidariedade humana, ainda não estabelecida de todo mas começada já a affirmar d'um modo imperioso e brilhante.

## GABRIEL

(Conclusão)

No dia seguinte Fernanda levantou-se cedo, com os primeiros raios do sol, que activavam a faina marinheira, e afinavam o canto das aves, baluçadas nas suas gaiolas pelas matutinas aragens.

Os incommodos da vespera tinham-lhe posto umas sombras no olhar, pintando-lhe na parte inferior dos olhos, a bistré, umas olheiras fundas.

Ia-lhe bem a sua toilette fresca, matinal, despretençiosa.

O sevilhano andava no seu trabalho, com as mangas da camisa arregaçadas, deixando ver uns braços musculosos, brancos, sementeos de cabellos, atravessados por uma rede de veias azues, injectadas, a gola da camisa de lã desabotoada, patenteando um pescoço forte, bem talhado, com uma proeminencia ligeira na parte anterior, os musculos vigorosos prendendo-se a uns hombros largos, um tanto descachidos.

Era uma cabeça artistica, uma phisionomia viril. A barba escura, setinosa era d'uma cor mais clara que o cabelo, anelado e preto; os olhos grandes, humidos, tinham uma expressão de força e de doçura, de valentia e de bondade.

Medeanamente alto, embora não muito proporcionado pela desharmonia do desenvolvimento entre o tronco e as pernas, denunciando nos movimentos uma grande actividade, o sevilhano, se não era perfeito como um galan de romance, talhado pelos moldes de Apollo, era contudo um galhardo moço.

Vendo aproximar-se Fernanda perfilou-se respeitoso, levantando com os dedos as madeixas de cabelo que lhe caíam na testa, com um movimento natural de attenciosa compostura.

Fernanda baixou-lhe a cabeça, e a uns passos de distancia parou a affagar um saguim travesso, que, notando a presença d'ella, começou n'uma grande expansão de contentamento, aos pulos pela tolda.

Muito naturalmente, a proposito d'uma circumstancia de occasião, d'um promenor, dirigiu a palavra ao piloto, e como já alguém comparou

o appetite das palavras ao das cerejas maduras, n'uma série de perguntas e de observações, Fernanda interrogou-o acerca da sua procedencia. Como é que sendo hespanhol, d'um paiz com muitos mais recursos do que o nosso, para os que se querem dedicar a uma profissão qualquer, elle se resolvêra a viver em Portugal, longe dos seus parentes, dos seus amigos, longe da terra a que de certo o ligavam muitas recordações.

Em todos os espiritos ha uma parcella romanescas, mais ou menos accentuada, segundo o temperamento, a educação e o meio.

O sevilhano sentiu-se lisongeado pelo interesse que lhe mostrava uma senhora tão superiormente collocada, tão distincta, tão formosa.

A presença d'uma mulher acordára-lhe no coração umas recordações affectuosas, de antigas aventuras, de baldados sonhos, de aspirações irrealizadas.

Nas suas respostas vagas, dubias, cheias d'um certo mysterio, deixou advinhar a existencia d'um romance na sua vida, contrariada e perseguida por uma sorte contradictoria.

Aquillo picou a curiosidade de Fernanda; o seu desejo era induzil-o a contar-lhe a sua aventura, a sua historia triste. Teve um grande desejo de saber...

Entendeu porém que devia guardar as conveniencias, e resignar-se á ignorancia que tanto a incomodava.

Mas o mar é solitário; poucas distrações; nada que dê ao espirito a variedade de sensações que impedem a concentração d'uma idéa.

A phantasia pelo seu lado, quando se acha só, cria sobre cada ponta de alfinete um mundo de idealidades indefiníveis, exóticas, incoherentes. Cada ponto é um infinito.

Dava-se com Fernanda o que se dá ordinariamente no nosso espirito quando temos lido n'um livro interessante apenas as suas primeiras paginas, e que, pelo termos folheado, quasi que adivinhámos o seu desenlace, ou o phantasiámos de mil maneiras. D'ahi a acciedade de lermos o livro todo.

Accrescentaremos porém que em Fernanda aggravava este estado a instinctiva sympathia que lhe inspirava o heroe do ignorado romance.

Isto aproximou-os muito; era visível a attracção que levava Fernanda para aquella existencia que ella reputava condemnada, repellida da felicidade por uma estranha crueldade. E não havia n'aquelle homem um movimento, uma posição, um olhar, que não desse á sua phantasia feminina elementos para extraordinarios calculos.

Uma repentina doença de Gabriel obrigou-o a voltar para Portugal. Voltava por conseguinte acabrunhado, encerrado no seu heliche, tendo á cabeceira Fernanda, solícita e cuidadosa.

Mas o compartimento era pequeno; e o seu estado de saúde melindroso; quanto a Fernanda, sempre que viajava no mar, fazia com que ella encontrasse motivos para não levar a sua dedicação até privar-se das distrações necessarias e uteis.

Passava por conseguinte largos intervallos longe de Gabriel, e de noite, depois d'uma certa hora, despedia-se d'elle até o dia seguinte.

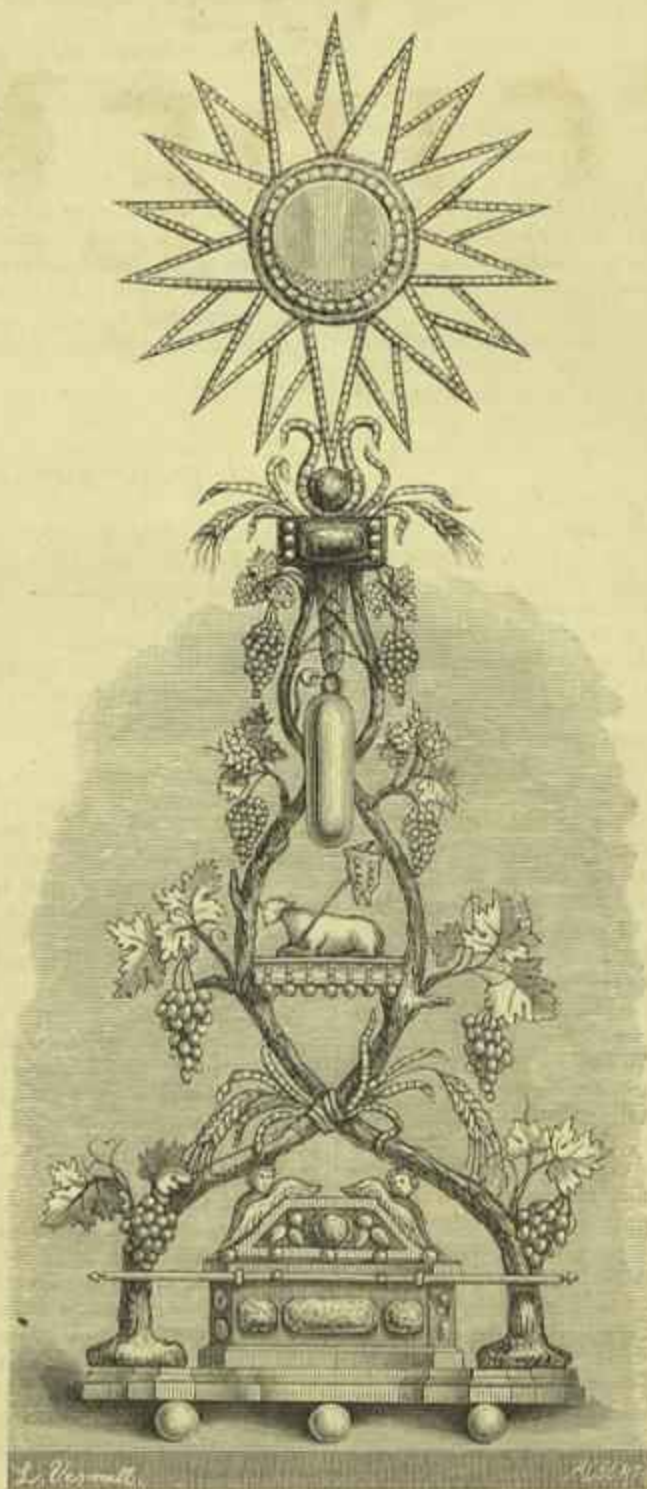
A doença de Gabriel não exigia grandes cuidados, era um estado accentuado, estabelecido, apesar de grave.

Ultimamente porém Gabriel andava visivelmente triste; notava em Fernanda a falta de fosse o que fosse que d'antes fazia a sua felicidade, e afastava todas as nuvens do seu coração, aberto áquelle unico affecto da sua vida.

E no entanto nada encontrava em que a podesse accusar, mesmo com relação á maneira como por ella era tratado. A mesma solícitude, as mesmas demonstrações affectuosas, na apparencia; no fundo d'aquelle sentimento é que desapparecera alguma coisa de essencial para a sua ventura.

Uma noite, n'uma hora já avançada, Gabriel sentiu na sala contigua aos seus aposentos como que um siclar de vozes, fallando em confidencia, n'um tom mysterioso.

Tudo estava tranquillo; mas por muito tempo não pôde distinguir



CUSTODIA DO REAL ASYLO DOS INVALIDOS EM RUNA

(Segundo um desenho do sr. D. Luis Vermeil)

V. art. — A princesa D. Maria Francisca Benedicta

mais do que umas palavras soltas, e sem nexo.

A pouco e pouco foi distinguindo melhor, mesmo as vozes partiam já de mais perto. Fallavam de Fernanda, e elle sentiu cair-lhe no coração, como picadas de abutres, as seguintes palavras:

— É uma vergonha, e um descaramento sem igual. E elle que tanto acredita no amor d'ella, nem suspeita que se abuse da sua doença para o deshonrar d'aquella maneira.

— E a coisa já vem de longe.

— Mas nunca chegára a este ponto! É demais; e elle não o merece, coitado!

Gabriel para receber melhor aquellas punhaladas, para ouvir mais distinctamente aquelle colloquio mysterioso, quiz mover-se na cama; mas o pequeno ruído que este movimento produziu, bastou para afugentar subitamente, nos bicos dos pés, os noctivagos e inconscientes delactores.

Gabriel tinha o coração opprimido, a garganta secca; tremia n'uma convulsão nervosa. Sentindo uma estranha força a reanimal-o, n'uma indecisão confusa, turbada, vestiu-se com o que encontrou mais á mão e saiu apressadamente, a cambalear, atravessou a sala, sem ruído, sempre vacillante e trémulo; foi aos compartimentos de Fernanda, e como não a visse, saiu precipitadamente.

Lá fóra a noite estava sombria, as estrellas pareciam morticãs luzes fixas n'uma aboboda escura. Do lado do poente as nuvens atravessavam como flocos de algodão espesso, e grisalho, rolavam d'um lado a outro, ora encobrimdo, ora desvelando o crescente da lua, que era como a folha d'uma estreita foice de estanho, onde a luz incide. O mar era tranquillo; a quilha do barco, singrando, produzia um ruído surdo, unisono, triste.

Gabriel olhou em volta de si: tudo estava silencioso.

Contudo, um tenne sussurro de vozes partiu d'um sitio superior.

Gabriel começára a sentir as consequencias da sua imprudencia; as forças iam-n'o abandonando, um suor frio inundava-o. Lançou a mão á escada que conduzia á coberta, subiu uns degrãos, e n'esse mesmo instante, n'aquelle religioso silencio, sentiu o ruído d'um beijo, e a voz de Fernanda murmurar baixinho, n'um tom suave, docemente caricioso: — «Eu nunca tinha amado!»

Tentou subir ainda, mas as mãos desprenderam-se-lhe, e o corpo desfallecido, inerte, baqueou com um ruído pesado.

Fernanda e o sevilhano, quando acudiram, encontraram um cadaver.

CHRISTOVAM AYRES.

#### ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Em pé se levantou, e as duas vezes tres vezes acudindo

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6